

A CRÔNICA DA IRLANDA ENTRE TRADIÇÕES HISTORIOGRÁFICAS, CRONOLÓGICAS E MANUSCRITAS (740 – 911)

Kauê J. Neckel*

RESUMO: O presente artigo objetiva sugerir uma interpretação do papel da *Crônica da Irlanda* em sua tradição de escrita da história – os anais medievais irlandeses. A partir de provocações da historiografia que manifestam sua inexistência, questionamos: que evidências atestam a existência da *Crônica da Irlanda* dentro dos anais irlandeses? Configuramos a *Crônica da Irlanda* interconectando as sequências comuns dos anais tardo-medievais em três pontos. Primeiro definimos os anais irlandeses como uma tradição historiográfica, segundo sugerimos um recorte cronológico do documento entre 740 e 911 e terceiro identificamos seu *corpus* de manuscritos.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica da Irlanda; historiografia; cronologia; tradição manuscrita.

The *Chronicle of Ireland* between historiographical, chronological and manuscript traditions (740 – 911)

ABSTRACT: The following article aims to suggest an interpretation of the *Chronicle of Ireland*'s role in its written tradition – the medieval Irish annals. Departing from provocations of the historiography that manifests its inexistence, we question: which evidences attests the existence of the *Chronicle of Ireland* inside the Irish annals? We configure the *Chronicle of Ireland* interconnecting common sequences of late medieval annals in three points. First, we define the Irish annals as a historiographical tradition, second, we suggest a chronological clipping of the document between 740 and 911, and third, we identified its manuscript *corpus*.

KEYWORDS: Chronicle of Ireland; historiography; chronology; manuscript tradition.

La *Crónica de Irlanda* entre tradiciones historiográficas, cronológicas y manuscritas (740 – 911)

RESUMEN: El presente artículo objetiva sugerir una interpretación del papel de la *Crónica de Irlanda* en su tradición de escrita de historia – los anales medievales irlandeses. A partir de provocaciones de la historiografía que manifiestan su inexistencia, cuestionamos: ¿Qué evidencias atestiguan la existencia de la *Crónica de Irlanda* dentro de los anales irlandeses? Configuramos la *Crónica de Irlanda* interconectando las secuencias comunes de los anales medievales tardíos en tres puntos. Primero definimos los anales irlandeses como una tradición historiográfica, segundo sugerimos un recorte cronológico del documento entre 740 y 911, y tercera identificamos su *corpus* de manuscritos.

PALABRAS CLAVE: Crónica de Irlanda; historiografía; cronología; tradición manuscrita.

*Kauê J. Neckel é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). É mestre também pelo PPGH/UFRGS e licenciado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: neckel.kaue@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0809-9298. Endereço institucional: Av. Bento Gonçalves, 9500 IFCH (Campus do Vale), Agronomia, Porto Alegre, RS.

Introdução

A partir de meados do século V se estabeleceu na ilha da Irlanda um gênero historiográfico interconectado de crônicas medievais. Os chamados anais irlandeses medievais são conjuntos de manuscritos com datação variante entre meados do século XII até início do século XVII. Esses anais repousam em uma tradição cronística que trata de eventos do período da *Early medieval Ireland* (doravante traduzida livremente como ‘Irlanda medieval inicial’). Nesses documentos se encontram relatos escritos de fenômenos políticos, religiosos e naturais que se sucederam na ilha da Irlanda durante a Idade Média. Com base na datação consideravelmente tardia dessas documentações manuscritas, consideramos que se sucedeu uma linha bastante específica de crônicas anteriores, ainda do período da Irlanda medieval inicial, da qual foi a base de dados para registro destes anais. Assim, entre 740 e 911, indicamos a *Crônica da Irlanda (CI)*¹ como uma das bases de dados desta tradição historiográfica anterior ao século XII, que é estudada com centralidade em nosso artigo.

Como ponto de partida para se conceber essa crônica, levantamos uma inquietação presente nas duas principais publicações recentes sobre o documento. Ainda em 2004, T. M. Charles-Edwards ao realizar sua edição crítica da *CI* – que nos é base – pontuou, na primeira frase de seu texto, que “esta tradução pretende apresentar a evidência para a Crônica da Irlanda - uma crônica *que não existe*, mas sobrevive principalmente em um alcance de crônicas-filhas”². Esta percepção da ‘inexistência’ do documento continuou na segunda produção recente, esta, uma análise literária sobre a *Crônica da Irlanda*. Roy Flechner, em 2013, sugeriu:

A Crônica da Irlanda é, discutivelmente, a mais antiga crônica monástica no Ocidente Latino e a precursora para crônicas irlandesas posteriores das quais, em seu lugar, devem ter exercido uma influência em crônicas subsequentes compiladas na Europa Carolíngia. Ainda, *a primeira coisa para notar sobre a Crônica da Irlanda é que ela não existe*. É um texto putativo, a existência da qual tem sido postulada na evidência de entradas concorrentes em crônicas irlandesas que foram compiladas independentemente umas das outras.³

Estamos diante de um cenário bem definido da historiografia em que se perpetuou a ideia de ‘inexistência’ do documento.⁴ Para nós, esta proposição abre margem para nossa principal hipótese: a *Crônica da Irlanda* não tem sua existência definida em um manuscrito inteiro ou parcial, mas, pelo outro lado, é uma reconstituição historiográfica, ou seja, um documento presumido com base em uma ideia já bem aceita. Em suma, entendemos que a *Crônica da Irlanda* existe, porém, sua existência está condicionada ao lugar historiográfico que ocupa nos anais irlandeses. Neste sentido, a nossa pergunta principal é: que evidências

atestam a existência da *Crônica da Irlanda* dentro dos anais irlandeses? Com isso em mente, também questionamos: que padrões de registro destes anais são interconectados pela *Crônica da Irlanda*? E o que estas sequências de informações podem nos dizer sobre o lugar que a *Crônica da Irlanda* ocupa nessa tradição historiográfica?

Em busca da resolução destas perguntas, em um primeiro momento fazemos um levantamento de dados quantitativos a partir de quatro anais que se desdobraram da *Crônica da Irlanda*, na investigação das evidências documentais que sustentam essa hipótese historiográfica. São eles: 1) os *Anais do Ulster (AU)*; 2) os *Anais de Clonmacnoise (AC)*; 3) os *Anais de Tigernach (AT)* e 4) a *Chronicum Scottorum (CS)*. Em um segundo momento, definimos a cronologia da *CI* entre 740 e 911. Essa arguição se baseia na defesa da existência de uma crônica anterior, a *Crônica de Iona (Clona)*, utilizando as hipóteses de início da escrita da *CI* em 740, de acordo com John Bannermann,⁵ reforçadas por Kathleen Hughes⁶ e Daniel McCarthy⁷ e de fim em 911, conforme defendido por Charles-Edwards.⁸ Em um terceiro momento, sugerimos o *corpus* de manuscritos que integram a *Crônica da Irlanda*. Este recorte, nesse sentido, produz uma base factível de documentos indiretos para comprovar sua existência, ainda que através de fontes secundárias que se desdobraram desse documento após 911.

Antes de adentrarmos às características quantitativas e cronológicas dos anais medievais irlandeses, determinamos o que concebemos como ‘tradição’. Falamos de documentos com origens difusas, assim, refletimos sobre os modos que esse passado multifacetado é combinado nas crônicas. Enxergamos que os anais medievais irlandeses como *interconectados*, com informações *transmitidas e compartilhadas*, que *circulavam* pela ilha da Irlanda, assim produzimos uma leitura afiliada à metodologia das Histórias Conectadas.⁹ Procuramos, nessa concepção, as sequências de vínculos que surgem com o documento. Em princípio, é compreender a *Crônica da Irlanda* a partir dos padrões de informações transmitidos na ilha da Irlanda que se diluem conforme os registros foram reconfigurados em outras crônicas. Concebemos a tradição não como algo antiquado, ultrapassado, mas como uma continuidade de modelos textuais, as crônicas, que se repetem em diferentes períodos de tempo. Para definir ‘tradição’ partimos de Jauss e Bahti, que sugerem que a característica escrita de uma tradição é definida pela “singularidade da autoria e a autonomia do texto entendido como um trabalho”.¹⁰

Em nossa concepção, estes modelos permitem criar espaços de diálogo entre tipos de documentações que sejam semelhantes. ‘Tradição’, neste sentido, sempre será um substantivo

que deverá necessariamente carregar um adjetivo como qualidade. Com isso em mente, falamos em três tradições conectadas na existência da fonte: as historiográficas, cronológicas e manuscritas. Portanto, compreender a *Crônica da Irlanda* como um documento único, mas que é evidenciado por uma sequência de informações padronizadas pelos anais irlandeses medievais nos autoriza a pensar que espaços de História que ela ocupa.

Historiografia: os anais medievais irlandeses

Estabelecidos entre os séculos V e XVII, os anais medievais irlandeses relatam a história da Irlanda sem muitos detalhes, com preocupações em dimensionar os eventos temporalmente e geograficamente. Este conjunto de fontes é uma das muitas tradições de se escrever a História que circulavam pela Irlanda no período da *Early Christian Ireland*¹¹ quando os povos irlandeses estavam inseridos em processos intensos de cristianização. Neste sentido, definimos a *Crônica da Irlanda* como produto da História em vez de pensa-la sob o prisma da Literatura. Essa escolha não é arbitrária, nossa motivação principal de considerá-la como uma obra historiográfica é entender que o documento foi escrito com o objetivo de localizar os acontecimentos da história irlandesa em suas respectivas temporalidades. Por isso os *calendários de janeiro* aparecem antes de cada registro, algo que os anais irlandeses compartilharam, embora tal sistema não tenha sido universal.¹²

Os anais irlandeses floresceram no medievo inicial com documentos como a *Crônica de Iona* (séc. V-VIII), a *Crônica-mundo irlandesa* (séc. X), além da *Crônica da Irlanda*. Seus resquícios historiográficos, entretanto, datam de um período posterior e habitam dois grupos. O primeiro é o ‘grupo Clonmacnoise’ composto por três crônicas: 1) os *Anais de Tigernach* do século XI, escritos em Clonmacnoise, em homenagem à Tigernach Ua Braín (morto em 1088, quando os anais cessam a escrita), responsável por sua compilação; 2) a *Chronicum Scottorum*, uma crônica que começa com relatos das primeiras ocupações na Britânia e Irlanda e vai até os anos 1050; 3) os *Anais de Clonmacnoise*, já mais tardios, do século XVII, constam com registros até 1408.¹³ Este conjunto de manuscritos foram produzidos no monastério de Clonmacnoise, fundado em 544 no centro da Irlanda, ao sul do rio Shannon, por isso, carregam vínculos a partir do espaço de escrita em comum.

Paralelo ao grupo Clonmacnoise está o ‘grupo Cuana’, visto a partir do documento que mais reproduziu passagens da *CI*, os *Anais do Ulster*.¹⁴ O grupo Cuana é considerado distinto do grupo Clonmacnoise pois carrega um calendário lunar até o ano de 1019, além de que foi escrito com informações baseadas nos *scriptori* do monastério de Connacht. Os *AU* estão

cronologicamente cognatos com outros dois anais irlandeses que integram o grupo Cuana, os *Anais de Innisfallen* e os *Anais de Boyle*, mas estes dois últimos não tiveram um impacto significativo nas menções da *Crônica da Irlanda*. A nossa fonte principal, nesse sentido, corresponde à tradição inicial de escrita destes quatro anais irlandeses, compartilhada entre os dois grupos, com origem em Armagh mas que, a partir de 911, foram reproduzidos no centro-leste da Irlanda quando a *CI* se fragmentou em outras crônicas escritas nesses espaços. Os cronistas desse grupo contavam os anos a partir dos *Anno Domini* já desde o século V, quando a Irlanda passava por um processo inicial de cristianização. Sem dúvida, os processos de cristianização foram amplamente influentes na construção dessas tradições de registro em crônicas.¹⁵

Um tema relevante a ser mencionado quando pensamos em historiografia do período da Irlanda medieval inicial é a tradição *Seanchas*. Dominique Santos indica que deve se considerar essa tradição como uma condição *sine qua nom* para entender a história da historiografia do período. Porém, é questionável colocar a tradição historiográfica dos anais medievais irlandeses sob o guarda-chuva da tradição *Seanchas*. Segundo a definição usada por Santos, “*Seanchas* foi a coletânea tradicional da cultura Irlandesa dividida em ao menos três ramos: *dindseanchas*, ou topografia; legal; e genealógica”.¹⁶ O autor dialoga com Francis Byrne, que propõe tal definição, pois para Byrne não seria possível distinguir essas tradições medievais com a divisão moderna das disciplinas.¹⁷ Santos, já no título de seu texto, coloca que *Seanchas* é uma tradição historiográfica do período, ou seja, não necessariamente corresponde a todas elas, algo que consideramos válido. Embora a genealogia é parte ativa da construção das crônicas, evitamos uma definição englobante pois argumentamos que cada forma de escrita da História tem características particulares que não são necessariamente inteligíveis entre si para compor um mesmo quadro historiográfico. Respeitamos que as tradições hagiográficas como as *vitas* de Muirchú e Tírechán,¹⁸ além das tradições legais como os cânones legislativos das *Collectio Hibernensis*¹⁹ são independentes dos anais no que tange a estética de texto e padrão de escrita. Nesse aspecto, sugerimos que a tradição historiográfica dos anais medievais Irlandeses é particular, pois temas como as cronologias, os registros objetivos, além dos obituários frequentes fazem com que se atribua traços singulares para essa tradição, algo que não aparece na mesma estrutura de escrita nas tradições adjacentes.

A *Crônica da Irlanda*, a seguir esse pensamento, tem passagens muito curtas. A maioria dos registros são obituários, escaramuças, sucessões episcopais e reais, registros

naturais e astronômicos, escritos com o objetivo de definir um evento e encaixá-lo no contexto de uma história irlandesa linear e teleológica.²⁰ A *CI* carrega apenas informações essenciais como o nome dos personagens, o tempo que eles viveram e descreve de forma mais minuciosa somente casos excepcionais. Mas, mesmo que esta narrativa cronística seja concisa, não quer dizer que existam menos elementos discursivos para serem analisados. Como disse Gabrielle Spiegel, entender este cenário “nos ajuda a entender que ali não há acesso direto a eventos históricos em pessoas, e então que toda aquela escrita histórica, seja medieval ou moderna, aproxima o passado por discursos de um tipo ou outro”.²¹ Portanto, ao nos aproximarmos do passado sucinto, abrimos as camadas entre o historiador e suas fontes através de registros cronísticos interconectados, assim, vinculamos as bases destes discursos.

O passado contado na *CI*, por ter uma grande diferença entre o tempo que ele aconteceu e quando foi registrado materialmente, é moldado pelos anais medievais tardios. A *Crônica da Irlanda*, se olhada em seu lugar dentro da larga tradição dos anais irlandeses, relata o seu tempo presente entre 740 e 911. A narrativa objetiva não é explicada pela exclusão dos eventos em datações posteriores, mas os detalhes não foram descritos simplesmente como uma opção da estética textual de uma crônica. Por ser um documento com uma quantidade grande de documentos descendentes, estas lacunas são preenchidas por outros manuscritos, o que dá uma larga confiança para o registro dos eventos da *CI*.

Mesmo que os acontecimentos relatados correspondam a um mesmo *locus* geográfico insular, não existe uma ordem definitiva para sua análise: eles podem se repetir em um dos anais, mas não serem mencionados em outro. Devido ao grande espaçamento temporal, os registros podem ter sido reestruturados e modificados na ordem do tempo, com regimes de historicidade particulares.²² Nas palavras de Patrick J. Geary, um “novo passado [seria] construído, um passado do qual os elementos deveriam servir às necessidades de uma nova forma de identidade”.²³ Este passado nas crônicas pode ser suscetível, moldável e propenso a mudanças, portanto, é algo que consideramos na análise da composição do documento, mas não precisamos ver tal mutabilidade como um elemento definidor das características da *Crônica da Irlanda*. Pensamos justamente nestas zonas de abertura. Conforme a existência de documentos desconhecidos ou desconsiderados são repensadas, a academia passa a construir certos consensos, como a relevância da *Crônica da Irlanda* para o período da Irlanda medieval inicial.

O nome precursor para a concepção da *Crônica da Irlanda* é da historiadora Kathleen Hughes.²⁴ Em 1972 a autora sugeriu que deveria haver uma crônica anterior aos anais tardo-

medievais irlandeses. A provocação de Hughes partiu do fato que os anais carregavam uma profunda complexidade e detalhamento sobre os acontecimentos ainda do período da Irlanda medieval inicial (definida entre os anos 431, com a ascensão dos processos de cristianização por Paládio, mencionados por Próspero,²⁵ até o ano de 1169).²⁶ Tal detalhamento formou a gênese da hipótese historiográfica da *Crônica da Irlanda*, o que fez com que a historiadora cunhasse o termo que hoje batiza o documento que analisamos.

Definida a concepção de que esta tradição historiográfica organizou os acontecimentos no tempo, levantamos o questionamento sobre a datação, um dos debates mais complexos que tange à definição da *Crônica da Irlanda*. O ponto principal é entender que os anais medievais irlandeses seguem uma linha cronológica subjetivamente definida. A *Crônica da Irlanda* em questão é o segundo documento desta linha sucessória de documentos, precedido por um documento que John Bannermann²⁷ batizou de *Crônica de Iona*. Este documento, também hipotético, baseia-se no nível de detalhamento relacionado ao contexto gaélico-escocês no início do século VIII, o que sugere uma produção muito afiliada ao norte Britânico. Esta crônica anterior foi compilada em Iona, o centro evangelizador central em que monges irlandeses foram mandados para pregar em diversas partes das Ilhas Britânicas e sugere uma forte circulação de informações nesse período. Em somatória, atentamos ao fato de que os irlandeses continham profusa presença na Escócia através do reino da Dal Ríata.²⁸ Esta conexão com o reino da Dal Ríata é evidente no manuscrito Trinity College Dublin MS H. 1.8 dos *Anais do Ulster* como foi sugerido por A. P. Smyth.²⁹ Ao nos referirmos para os anais irlandeses em seu período inicial não seria impreciso sugerir que estes são de natureza escoto-irlandesa, portanto, reúnem saberes que transpassaram as ilhas. De forma objetiva, a maioria dos registros cruzaram de um arquipélago a outro e circularam por dentro da Irlanda e pelo norte das Ilhas Britânicas.³⁰

Tanto Bannermann quanto Hughes são nossos aportes historiográficos centrais para definir o início dessa tradição historiográfica dos anais medievais irlandeses. Do ponto de vista político, o contexto eclesiástico dos séculos VII e VIII estava profundamente envolto nas divergências da datação da Páscoa. Esta discussão ocasionou a expulsão de monges irlandeses dos espaços eclesiásticos ingleses em 664, após o sínodo de Whitby.³¹ Consideramos que estas questões políticas refletiram diretamente na fabricação documental. As discussões sobre o dia de Páscoa são a razão central para explicar porque estes anais medievais surgiram, uma vez que a datação da Páscoa era uma preocupação dos clérigos atuantes em espaços religiosos das cristandades irlandesas. Tal hipótese encontra sustentação nas reflexões de Ó Cróinín,³²

que afirma que os anais medievais irlandeses se desenvolveram a partir das mesas de Páscoa. Estas discussões estipulavam uma datação própria à Páscoa nas ilhas Hibernicas divergente daquela proposta por Roma.³³ É, portanto, através de uma conexão com o norte Britânico e uma preocupação específica em relação às narrativas de cristianização dominantes, que os anais medievais irlandeses foram fabricados como produtos de História.

Cronologia: 740 – 911

Para nossa proposta de datação da *CI*, partimos das colocações de Daniel McCarthy: “Quando nós devemos lidar seja com duas crônicas, ou uma única do qual o aparato cronológico compreende duas ou mais séries, a questão do *sincronismo* das séries cronológicas é importante”.³⁴ McCarthy definiu as datas a partir do sincronismo das séries de anais, o que, de fato, nos serve para compreendermos a importância do aparato cronológico, principalmente quando lidamos com eventos registrados em paralelo nos anais.

Na cronologia, já reconhecemos que os anais medievais irlandeses têm os ‘Calendários de Janeiro’ (*Kl.*) como um padrão que se repete, uma característica dos *Anais do Ulster* para determinar quando se inicia um trecho. Este é um padrão que segue a orientação do *Anno Domini*, com início em janeiro e fim em dezembro. Tal padrão não se repete nos documentos do grupo Clonmacnoise, como os *AC* e a *CS* (à exceção dos *AT*), que compartilham a datação através do *Anno Mundi*, com trechos seguindo o padrão de denominar, em sua primeira passagem, os *Kalends* (Calendários), mas sem especificar o mês de início. O compartilhamento do padrão de contagem de tempo entre os anais do grupo Clonmacnoise está ausente na *CI*, assim sugerimos que a base dos *Anno Domini* foi predominante em uma tradição inicial, derivada da *Crônica da Irlanda* e sua predecessora, a *Crônica de Iona*. Isso se define principalmente a partir da conexão maior desta com os *Anais do Ulster*, dado que estes anais conservam uma integridade maior para o período entre 740 e 911. Ainda assim, este é um padrão que difere consideravelmente de outras crônicas insulares contemporâneas.³⁵

Para datar a *Crônica da Irlanda*, J. V. Kelleher³⁶ sugeriu que os *Anais do Ulster* são reedições de anais anteriores, em que os dados eclesiásticos foram feitos em Clonmacnoise e Armagh, em algum momento do século VIII. Entretanto, Kelleher considera que a divisão entre os dois grupos foi antecessora à 911, um tema que discordamos a partir das diferenças de padrão no uso do calendário entre o grupo Cuana e o grupo Clonmacnoise.

A. P. Smyth foi por outro caminho ao afirmar que as entradas iniciais dos *Anais do Ulster* são da metade do século V e continuam até 740. Como Smyth finalizou seu artigo: “Se os anais daquela casa foram continuados depois de 740, como eles quase certamente devem ter sido, então o registro foi destruído ou descontinuado quando a comunidade de Iona fugiu da ilha durante as invasões Escandinavas”.³⁷ A sugestão de Hughes³⁸ da existência da *Crônica da Irlanda* surgiu logo após o artigo de Smyth e preenche as lacunas deixadas por suas reflexões. Ainda assim, A. P. Smyth dá elementos concisos para situar os anais pós-740, não como um documento com origem em Iona, mas que já circulava dentro da ilha da Irlanda.

Estes historiadores nos dão um panorama para concordarmos que o século V é o início das práticas de registro dos anais medievais irlandeses, mas divergirmos que seja o início da *Crônica da Irlanda*. Compactuamos, portanto, do ponto de vista de Hughes,³⁹ em somatória à hipótese de Bannermann,⁴⁰ de que as respectivas *Crônica de Iona* e *Crônica da Irlanda* são os documentos iniciais. O desafio aqui é situar que trechos/anos correspondem a qual crônica, por isso a discussão cronológica é relevante para fundamentar as fronteiras da *Crônica da Irlanda* em relação aos outros documentos da tradição.

Consideramos que a *Crônica de Iona* estreia esta tradição historiográfica dos anais irlandeses em meados do século V com registros até pelo menos 740 em uma chave interpretativa distinta de Smyth. Depois desta data, iniciam-se os registros contemporâneos da *Crônica da Irlanda*, quando o documento é levado de Iona para Armagh. Esta transferência do local de escrita, com registros interiorizados para dentro das ilhas Hibernicas, se explica pelo contexto político: a partir das décadas seguintes, os povos Escandinavos já incursionavam na Britânia e Irlanda, o que levou aos saques de Iona e a interrupção da vida em comunidade do monastério a partir de então. Estes fatores políticos impossibilitam indicarmos que o documento tenha continuado em Iona pelo menos a partir do final do século VIII. Por isso sugerimos que Armagh foi o lugar que ela ficou até 911, quando foi movida e se dividiu em duas, com um lado originando o grupo Clonmacnoise e o outro produzindo a *Crônica-mundo irlandesa*, relacionada com o grupo Cuana.

Após esta breve historicização do panorama que levou à *Crônica da Irlanda* surgir enquanto uma probabilidade, resgatamos as reflexões de Charles-Edwards que sugerem uma cronologia diferente, mais ampla, mas que não abarca a *Crônica de Iona* como um documento separado.⁴¹ Charles-Edwards considera os registros de Iona como parte da *Crônica da Irlanda* e afasta a possibilidade de mudança de seu local de escrita, sem fazer uma distinção estrutural entre os documentos. Discordamos quanto ao início da cronologia, porém, concordamos com

a data-limite do documento sugerida por Charles-Edwards em 911. O historiador sugeriu que os anais da *Crônica da Irlanda* começaram a ser escritos já em 431, quando os primeiros registros dos anais irlandeses foram estabelecidos. Entretanto, ele não cogitou a possibilidade da *CI* ser uma continuidade da *Crônica de Iona* como um documento independente, como acreditamos que é.⁴² Nesse sentido, utilizamos o mapeamento de Nicholas Evans para discordarmos, com base no que a própria *Crônica da Irlanda* nos mostra. De acordo com Evans:

Em termos de interpretação, a transferência da crônica de Iona para a Irlanda (c. 740) significa que não existe evidência comparável em qualquer lado da data, conforme o foco geográfico da crônica altera tão dramaticamente. [...] Se uma fonte nova se tornou disponível para os cronistas, isto poderia indicar contatos entre a Irlanda e o norte Britânico. Apesar do número de eventos registrado no norte Britânico depois de 740 ser baixo - cerca de um evento a cada dois anos nos *AU* - isto ainda constitui um registro substancial, e do qual configura indo de zero a nove por década, ainda há escopo para identificar padrões significativos.⁴³

Somos assertivos com a proposta de Evans. Por mais que a *Crônica da Irlanda* continue a registrar eventos do norte Britânico a partir de 740, essa diminuição do número de registros é uma evidência de como o centro de relatos foi transferido de Iona para Armagh. É por isso que discordamos com a interpretação inclusiva de Charles-Edwards no que tange à cronologia, pois identificamos 740 como uma fronteira cronológica entre o centro de registros de Iona – para basear a *Crônica de Iona* – e Armagh – para basear a *Crônica da Irlanda*. Charles-Edwards, assim, aponta sua datação entre 431 e 911. Em suma, a sugestão cronológica da *Crônica da Irlanda* entre 740 e 911 é também um posicionamento historiográfico ao passo que equalizamos em importância as interpretações de Charles-Edwards, Smyth e Evans. Ainda assim, os dados extraídos pelos autores são centrais para definirmos essa proposta de datação.

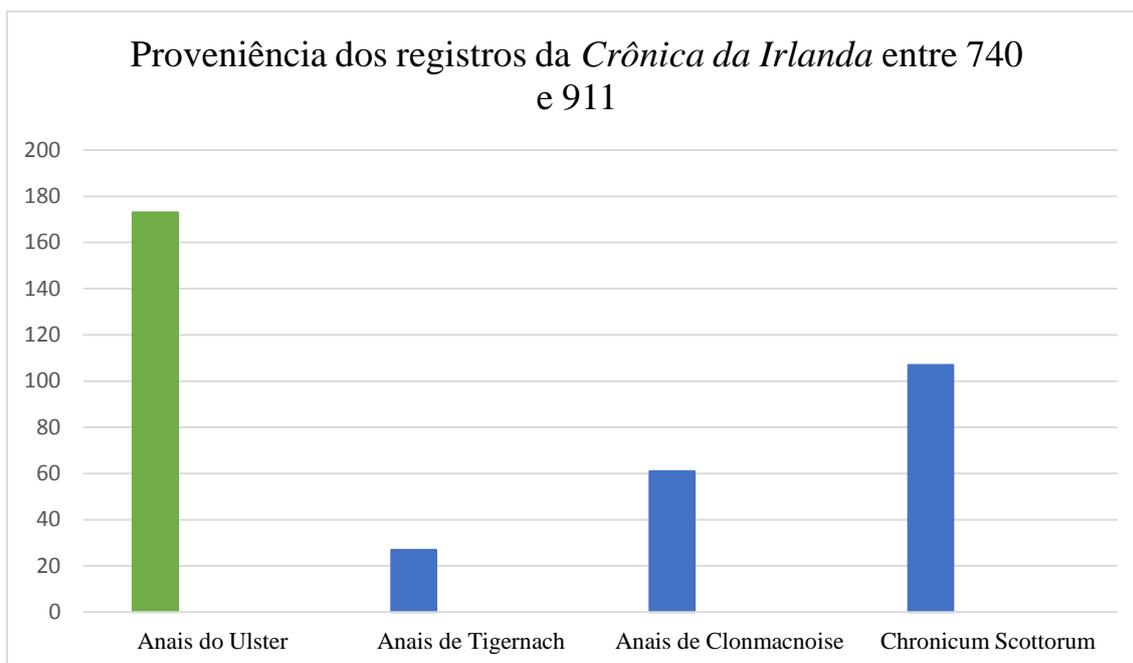


Figura 1: Baseado em CHARLES-WILLIAMS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. Liverpool: Liverpool UP, 2003.

Levantamos dados quantitativos para análise das passagens remetentes aos anais irlandeses do período inicial. Isto nos serve para exemplificar qual dos grupos de anais é mais predominante na tradição cronológica da *CI* e a partir de quais documentações posteriores isso pode ser evidenciado entre 740 e 911.

Os *Anais do Ulster* têm um total de 173 menções para 740-911, portanto, contando com menções quantitativamente majoritárias. Os próprios *AU* são o único conjunto de documentos que é representante do grupo Cuana (em verde) na *Crônica da Irlanda*. Em segundo lugar, a *Chronicum Scottorum* consta com 107 menções, somadas à outras 61 menções dos *Anais de Clonmacnoise* e 27 menções dos *Anais de Tigernach*. Neste sentido, com base nessas informações, afirmamos que os registros da *Crônica da Irlanda* circularam com mais profusão no leste irlandês, ao redor da região de Connacht, enquanto um número menor foi reproduzido no grupo baseado em Clonmacnoise, no centro irlandês (em azul).

No que se refere ao grupo Cuana, os *Anais do Ulster* encabeçam as menções do início ao fim do período de registro da *Crônica da Irlanda*. Neste sentido, compreendemos que a principal origem da edição crítica de T. M. Charles-Williams foi, de fato, o grupo Cuana, embora o grupo conste apenas com os *AU*.

Em relação ao grupo Clonmacnoise, as menções se repetem em diferentes padrões. As 27 menções dos *Anais de Tigernach*, por exemplo, estão limitadas ao século VIII, especificamente entre os anos de 740 e 766, cessando a partir daí. Em referência à *Chronicum*

Scottorum, por mais que as 107 menções sejam um número considerável para o período selecionado, elas compõem um *corpus* relativamente tardio, iniciando apenas no século IX. Seus registros começam no ano de 804 alongando-se até 911 com exceção do registro para 905, que está presente apenas nos *Anais do Ulster*, o que fortalece a centralidade do grupo Cuana.

Embora as referências aos *AT* e ao *CS* sigam um padrão contínuo, os *Anais de Clonmacnoise* quebram com o padrão estabelecido anteriormente, com menções assíncronas. De todas as 61 menções do documento, apenas 6 aparecem para registros do século VIII para os anos de 753, 766, 780, 783, 784 e 790. O maior número de menções está concentrado no século IX, com 51 menções. Destas menções no século IX, elas aparecem continuamente entre os anos de 803 e 846, com exceção da ausência em uma janela entre os anos de 814 e 816 e também no ano de 820. Eles reaparecem entre os anos de 864 e 870, desaparecendo novamente até ressurgir entre os anos de 884 e 888. No século X, evidenciamos apenas 3 menções, especialmente nos últimos três anos do documento: 909, 910 e 911.

A predominância do grupo Cuana indica uma forte presença de assuntos relacionados ao oeste irlandês na *Crônica da Irlanda*. Seus eventos se repetiram em localidades posteriores do centro-oeste, com uma maior reprodução em Connacht após sair de Armagh depois de 911, mas com uma consistente quantidade de informações sendo contemporaneamente reproduzidas em Clonmacnoise.

Tradições manuscritas

A partir de 911 os anais se fragmentaram, o que abriu espaço para o surgimento de uma tradição manuscrita multifacetada em diversas fontes. Os documentos posteriores surgiram após esta data, portanto, nosso movimento de consulta é retroativo. No conjunto da tradição manuscrita dos quatro principais documentos que se basearam na *Crônica da Irlanda* encontramos os aportes materiais definitivos para sustentar a sua existência.

Ressaltamos que estes quatro anais já mencionados não são os únicos documentos que compõem a *Crônica da Irlanda*, embora correspondam à maioria das citações reunidas na edição de T. M. Charles-Edwards.⁴⁴ Destarte, fazemos um levantamento dos manuscritos dos quatro documentos principais que se desdobraram a partir da *Crônica da Irlanda* para sugerir este como o *corpus* documental indireto para comprovação de sua existência. Justificamos o recorte pois eles carregam uma maior quantidade de informações para os anos 740 até 911. Ao considerarmos a conjunção das tradições destes documentos conjuntamente, compomos

uma tradição manuscrita específica para a própria *Crônica da Irlanda*. Dessa forma, outros documentos também estão inseridos dentro da tradição dos anais medievais irlandeses e dialogam com a *Crônica da Irlanda* em menor nível, mas que não estão inclusos na nossa análise em função de que menções destes documentos não se repetem no período recortado. São eles: os *Anais de Innisfallen*, os *Anais de Boyle*, os *Anais de Roscrea*, os *Anais Fragmentários* e também os *Anais dos Quatro Mestres*.⁴⁵ Focamos apenas os quatro anais principais, pois entendemos estes já nos fornecem evidências o suficiente para as singularidades da *Crônica da Irlanda*, portanto, são um *corpus* sólido de manuscritos.

Os Anais do Ulster

Os *Anais do Ulster* foram escritos por volta do século XV com entradas até 1489, em sua versão bruta, e até 1540, com as adições feitas posteriormente pelo escriba Ruaidhri Ó Luínin. Em função da perceptível divisão de conteúdos por ano, definida a cronologia da *Crônica da Irlanda* entre 740 e 911, a foliação dos manuscritos varia de acordo com o recorte temporal indicado. Como dito, o aparato cronológico dos *Anais do Ulster* segue os *Anno Domini* e, portanto, os Calendários de Janeiro são evidenciados em cada entrada. McCarthy⁴⁶ considera que as datações que os *AU* carregam são bastante precisas, o que justifica colocarmos sua tradição manuscrita antes das outras.

O manuscrito de estreia dos *Anais do Ulster* é o Dublin, *Trinity College*, MS 1282 (H 1.8) f. 16r-143v. Depositado na biblioteca do Trinity College, em Dublin, o MS 1282, comumente conhecido pelo seu nome mais popular, H 1.8, é o principal manuscrito dos *Anais do Ulster*. O manuscrito data do século XV, com escrita iniciada em 1470 e finalizada em 1504. Foi produzido na ilha Belle, em Lough Erne, condado de Fermanagh, no Ulster. A autoria remonta à Ruaidhrí Ó Luínín, quem escreveu o manuscrito até 1489. Também tem a contribuição de nomes associados como James Ussher (1581 – 1656), John Conry (?), além de Cathal Óg Mac Maghnusa Maguire (1439 – 1498), patrono do local de escrita. Ruaidhrí Ó Caiside, arquitecano de Clogher (morto em 1541), é identificado como o responsável pelas adições marginais e interlineares, além de completar os registros para os anos de 1489 até 1504. Os manuscritos foram numerados por Sir James Ware antes de 1630 entre os *fólios* 1 e 143, porém, vinte e dois desses *fólios* foram perdidos. Os 120 remanescentes foram refoliados em 1993 com a foliação anterior preservada. Este manuscrito serviu de base para a sua cópia, o Bodl. MS Rawl. B 489, a seguir. O manuscrito está inteiramente digitalizado.

O segundo manuscrito dos *Anais do Ulster* é o Oxford, *Bodleian Library*, MS Rawlinson B 489. Este manuscrito foi escrito em forma de códex, seu material é o pergaminho e tem 121 *folios* de extensão, todos para os *AU*. Existem partes perdidas do manuscrito entre os *fólios* 50-55 e 72-74, mas que não correspondem à datação entre 740 e 911 da *Crônica da Irlanda*. Os manuscritos tiveram a produção de dois escribas. Primeiro, foi escrito até cerca de 1506, depois continuou em uma mão diferente até 1542, com a mesma em algumas entradas isoladas para datas posteriores. O manuscrito tem as iniciais decoradas e contém rubricas. A encadernação data do século XVII e foi feita em couro. Em termos de proveniência, o registro mais antigo é que ele foi feito para Ruaidhrí Mac Craith de Termonmagrath, que morreu em 1528. Após isso o manuscrito foi passado para Sir James Ware (1594 – 1666) e depois para as mãos de Henry, duque de Clarendon, aparecendo no *Catalogus Manuscriptorum Angliae* 2/2 n. 2 do período. Das mãos de Henry, o manuscrito foi para James Bryges, duque de Chandos, a quem comprou para a *Clarendon Library*. O manuscrito então foi vendido para Richard Rawlinson, a quem batiza o manuscrito e viveu entre 1690 e 1755. Quando este faleceu, o legou para a *Bodleian Library*, que o mantém até os dias atuais. O manuscrito está inteiramente digitalizado no site da biblioteca.

Existem, também, cópias: o Londres, *British Library*, MS Additional 4784 f. 21a-32b, feito inteiramente em papel, é considerado uma cópia realizada a partir das cópias dos manuscritos originais.⁴⁷ Esse manuscrito data do século XVII e foi produzido para ser um prefácio dos *Anais dos Quatro Mestres*, um documento que conta os acontecimentos do período e que, junto com os *Anais de Clonmacnoise*, são os últimos documentos da tradição manuscrita dos anais medievais irlandeses. O Dublin, *Trinity College*, MS 574 (E 3.20), f. 431-514 é uma cópia do MS 1282 da mesma instituição. A cópia pega trechos a partir de 665 e contém uma tradução incompleta de trechos ao latim até 491. Esta cópia tem autoria reconhecida, pertencente à Dubhaltach Mac Fhirbhisigh Mac Carthy. Já as cópias do MS Rawl. B 489 estão depositadas na *British Library* e são, respectivamente, os MS. Add. 4795 e 4789. O MS 4795 contém trechos copiados entre as datas de 431-1132 e 1156-1307 e data do século XVII. Já o MS 4789 (Clarendon, 43) é uma tradução incompleta ao inglês dos anais entre 1486 e 1504, com as partes subsequentes em latim, sem tradução. O manuscrito foi feito em papel e data do século XVII.

Os Anais de Tigernach

O MS. Rawlinson B 502 está depositado na *Bodleian Library* na cidade de Oxford. O MS. Rawl. B 502 é considerado uma cópia imperfeita na *Crônica-mundo irlandesa*, um documento afiliado aos *Anais de Tigernach*. Este documento está entre os *fólios* 1r e 12v dentro do recorte tradicional, proposto por Charles-Edwards, para a cronologia da *Crônica da Irlanda*. O manuscrito data da passagem do século XI para o século XII, está em forma de códex e seu material é o pergaminho. Esse manuscrito, de acordo com Molly Miller,⁴⁸ é derivado também da *Chronica Maiora* de Beda (673 – 735), o que sugere ligações indiretas da *Crônica da Irlanda* com os eventos da Inglaterra medieval inicial. As iniciais são cursivas e ilustradas e datam de 1271. A língua do documento é o latim. Em termos de sua trajetória manuscrita, a única informação é que o manuscrito pertenceu à Richard Rawlinson (1690 – 1755) antes de chegar à Bodleian Library, em 1755. O manuscrito está inteiramente digitalizado.

O MS. Rawlinson B 488 também está depositado na Bodleian Library. Este manuscrito tem 48 folios do total, com a foliação 1r-7v para a *Crônica-mundo irlandesa*, escrito em latim até o *Ano Domini* de 361. Para os *Anais de Tigernach* a foliação está entre e 7r-26v até 1088 AD, com fragmentos adicionais até 1178 AD. Em termos de materialidade, o manuscrito está em formato de códex, em pergaminho, com algumas iniciais decoradas. O manuscrito data do terceiro quarto do século XIV. Outros anais medievais irlandeses estão anexados neste MS: os *Anais de Connacht* (27v-29r) e anais posteriores escritos no monastério de Saints' Island em Longford. A trajetória do manuscrito é a mesma do MS Rawl. B 502, e pertence à coleção de Richard Rawlinson. O manuscrito está inteiramente digitalizado.

Ambos os MS. B 502 e 488 são bastante parecidos em estrutura, com ligeiras diferenças. Nos primeiros 42 trechos, os documentos são idênticos, mas a partir de então o MS 408 passa a omitir os ciclos feriais, que eram formas de contar o tempo usados para diferenciar os dias santos (domingos e, às vezes, sábados, mas também distinguia outros calendários sacros, como a quaresma), daqueles que não eram santos. McCarthy argumenta que os ciclos feriais eram mais completos no MS. B 502, o que o torna um documento mais 'confiável' para se acessar a precisão cronológica dos *Anais de Tigernach* e, conseqüentemente, da *Crônica da Irlanda*.⁴⁹ Em acordo com McCarthy, compreendemos que o MS. B 502 é um elo de conexão com os documentos do grupo Cuana, uma vez que os ciclos feriais se repetem nos *AT* mas mantém a estrutura cronológica em *Anno Domini*, o que os

aproximam da *Crônica da Irlanda*, ao menos em termos cronológicos. Nesta concepção, esse MS em específico sugere que, mesmo que os grupos Clonmacnoise e Cuana sejam diferentes, as fronteiras entre os grupos são ainda bastante sutis, com possibilidade de repetição dos modelos cronológicos entre eles.

A Chronicum Scottorum

A *Chronicum Scottorum* é um documento que data também do século XII e é contemporâneo aos *Anais de Tigernach*. Dado este fato, muitos trechos da CS são repetidos nos AT, o que torna estes dois documentos bastante emaranhados e pertencentes a um mesmo grupo. O que diferencia para a concepção da *Crônica da Irlanda* é que essa repetição não se concebe entre os períodos de 740 e 911, como explicado na sequência de dados anterior. A justificativa principal está diferença de estrutura cronológica: a *Chronicum Scottorum* não seguia os ‘Calendários de Janeiro’, de acordo com o *Anno Domini*, mas seguia o *Anno Mundi*, o que estabelece diferenças com os AT, que seguia a estrutura do *Anno Domini*. Assim, a CS e os AT se repetem em diversos conteúdos, mas os anos diferem entre um e outro. Em função dessa cronologia seguir o *Anno Mundi*, a *Chronicum Scottorum* carrega diversos detalhamentos sobre os calendários lunares, os dias feriais e diferenciações detalhadas em relação ao ano bissexto, o que coloca características singulares para ela.

Sobre os manuscritos, o único que sobrevive é o MS 1292 (H.1.18) depositado na biblioteca do *Trinity College*, em Dublin. A *Chronicum Scottorum* está entre os folios 16r e 37v. Entre os fólhos 113v e 164r está uma cópia dos *Anais de Tigernach* da qual descende do *Bod. Lib. MS. Rawl B 488*. O manuscrito data do século XVII e a principal mão responsável pela fabricação é de Dubhaltach Mac Fhirbhisigh, que foi quem transcreveu e traduziu o documento. William Hennessy,⁵⁰ responsável pela primeira edição crítica do documento, sugere que o documento tem notas do Rev. John Connery que datam do século XVIII e foram introduzidas na França. Este MS foi copiado três vezes, com cópias distribuídas nas bibliotecas da *Royal Irish Academy*, na região de Dublin, e agora estão reunidas no *St. Patrick’s College*, em Maynooth. O manuscrito também passou pela responsabilidade de Sir James Ware antes de chegar ao *Trinity College*. Não existem versões digitalizadas no manuscrito.

Os Anais de Clonmacnoise

Os *Anais de Clonmacnoise* datam do século XVII. Como de praxe dos anais irlandeses de manuscritos do início da Idade Moderna, os AC têm um recorte temporal amplo: datam os tempos pré-cristãos até o ano de 1408. O grupo Clonmacnoise engloba diretamente dois manuscritos aqui já estudados, os *Anais de Tigernach* e a *Chronicum Scottorum*, documentos que devem ter sido as principais fontes para os *Anais de Clonmacnoise* serem compilados já na modernidade como um dos últimos documentos da tradição historiográfica dos anais irlandeses. Os *Anais de Clonmacnoise* em sua relação com a *Crônica da Irlanda* se destacam especialmente porque neles repousam uma das hipóteses sobre a continuação da CI após 911. De acordo com Nicholas Evans:

A primeira (e mais aceita) é que a ‘Crônica da Irlanda’ acabou em 911 e continuou depois em Clonmacnoise. A segunda, proposta por Gearóid Mac Niocaill, é que houveram fontes separadas mantidas em Armagh e Clonard, em vez de uma ‘Crônica da Irlanda’.⁵¹

Neste sentido, Clonmacnoise foi um dos lugares que a *Crônica da Irlanda* continuou a ser escrita após 911 e gerou o grupo Clonmacnoise. Os *Anais de Clonmacnoise* são uma fortaleza para a existência da *Crônica da Irlanda*, pois são base para 61 trechos de nosso documento principal. Ao contrário da proposta que perpassa o livro de Gearóid Mac Niocaill,⁵² os *Anais de Clonmacnoise*, assim como o grupo Clonmacnoise, apresentam fortes evidências de proximidade com a *Crônica da Irlanda*.

Um dos primeiros indivíduos a estudar os *Anais de Clonmacnoise* foi o reverendo Denis Murphy que, em 1896, realizou uma edição crítica de seus manuscritos. Esta edição crítica foi base para as duas posteriores, que fizeram algumas correções, que são de Sarah Sanderlin⁵³ que são reorganizadas no já citado livro de Daniel McCarthy.⁵⁴

O MS A da biblioteca pública de Armagh, Irlanda do Norte, é a cópia mais antiga dos *Anais de Clonmacnoise*. O manuscrito data de cerca de 1660 e está escrito majoritariamente em inglês moderno, mas também com alguns trechos em irlandês. Antes de chegar à biblioteca, o manuscrito pertenceu à Roderic O’Flaherty até 1718, quem adicionou diversas notas nas margens. Depois, passou para a posse de Walter Harris até 1761. Seu material é o papel e está bastante frágil, de acordo com as descrições de Sanderlin.⁵⁵ O manuscrito foi refoliado em 1746 e, entre esta foliação e a atual, provavelmente sobreviveu a um incêndio. Sarah Sanderlin afirma que o manuscrito teve somente uma mão na produção, mas houve outros cinco anotadores que deixaram alguma marca no manuscrito, sem propriamente mexer

no conteúdo. Sua principal cópia é o MS 673 (F 3.19) da biblioteca do Trinity College de Dublin, mas também foi copiado por Domhnall mac Thomáis Ó Súilleabháin no MS Additional 4917 que datam de 1661. Embora o manuscrito não esteja digitalizado, consultamos suas informações pelo catálogo de James Dean⁵⁶ que informa que seu tradutor foi Connal Macgeoghegan e cruzamos com as informações com as propostas por Sanderlin. Macgeoghegan foi o responsável por copiar os trechos pertencentes à *Crônica da Irlanda*, que está incompleta neste manuscrito. Para Sarah Sanderlin, os trechos que sumiram entre os anos de 779 e 904 desapareceram em dois momentos. Primeiro, os trechos que estavam nos *fólios* 36-38 que correspondiam aos anos de 779 e 840 foram perdidos na primeira refoliação, já as folhas dos trechos 840 e 904 foram perdidas na realização de apêndices ao manuscrito para cobrir os trechos outrora perdidos.

Com as hipóteses de Sanderlin em mente, respondemos a ausência de padrões nos trechos excluídos dos *Anais de Clonmacnoise* no recorte da *Crônica da Irlanda*. A perda das folhas dos trechos pode sugerir que os registros dos AC ausentes para o período entre 740 e 911 são erros posteriores da tradição manuscrita e não necessariamente foram consensualmente realizados no período da Irlanda medieval inicial. Por outro lado, reforçamos a hipótese de que os AC foram um elo de ligação muito mais forte com o grupo Clonmacnoise que a CS e os AT, se os trechos perdidos realmente estiveram anexados entre 740 e 911. Assim, consideramos os AC como o documento central do grupo Clonmacnoise, dos quais compartilharam os registros majoritários com os *Anais do Ulster*, do grupo Cuana, antes da fragmentação da *Crônica da Irlanda* em 911 nestes dois grupos posteriores de anais.

Destacamos, também, o conjunto de dois manuscritos dos *Anais de Clonmacnoise* depositados na Biblioteca Nacional da Irlanda, em Dublin. O primeiro é o MS 919. Sanderlin⁵⁷ afirma que o manuscrito data da virada do século XVII para o XVIII. O manuscrito consta com três cópias que datam do século XIX. O manuscrito teve duas mãos anônimas na sua escrita. Junto a ele está o MS 767, que é uma seção do *Lébor Gabala Érenn* (O Livro das Invasões), um conjunto de poemas e narrativas do século XIII, que estão dentro dos *Anais de Clonmacnoise*. Este manuscrito foi copiado provavelmente perto do ano de 1737 por um único escriba. Tais manuscritos são especialmente mais relevantes para a *Crônica da Irlanda* pois eles cobrem as lacunas entre 779 e 904 deixadas pelo MS A de Armagh, um MS que provavelmente não foi consultado na edição crítica de T. M. Charles-Williams⁵⁸ que usamos como base, visto que não há menções das informações deste MS na obra, em que o

autor simplesmente desconsidera os *Anais de Clonmacnoise* para os trechos que este MS cobre.

O segundo manuscrito é um conjunto de dois manuscritos agrupados, depositados na Biblioteca da Real Academia, de Dublin. O MS 24.E.19 data do século XIX, escrito em papel. Ele foi escrito em duas mãos, uma até o registro de AD 751, e outra nos relatos que se seguem. Estas mãos podem ser diferenciadas pela cor da tinta, em que Sarah Sanderlin⁵⁹ aponta que a primeira usou tinta vermelha, enquanto a segunda optou somente pelo preto. O outro manuscrito pode ser considerado uma cópia do primeiro, que é o MS 24.E.11. Esta cópia foi feita por James Hardiman em 1842. Sanderlin aponta que é uma cópia bastante profissional do MS 24.E.19, estando em melhores condições que o manuscrito inicial.

Existem, também, outras duas cópias que descendem de todos os manuscritos. A primeira está depositada no St. Patrick's College, em Maynooth, o O'Renehan MSS, v. 63. Outra cópia está nos extratos feitos por Sir James Ware, depositados como o MS Add. 4787 na *British Library*. Embora não seja datada, ela apenas em copiou as entradas correspondentes ao ano de 910 – esta é especialmente mais significativa pois é o penúltimo registro dos AC no recorte da *Crônica da Irlanda* – além dos anais para 1022, 1040, 1063 e 1084.

Considerações finais

Após este breve itinerário pelos elementos da *Crônica da Irlanda*, atestamos a existência do documento a partir da conexão de três tipos de tradições. Em relação à tradição historiográfica, posicionamos a *Crônica da Irlanda* como o segundo documento de uma sequência de anais que floresceram na Irlanda do século VI ao século XVII, os anais irlandeses. Evidenciamos como sua estrutura corresponde à uma forma de se escrever a História que estava preocupada em colocar os acontecimentos em suas respectivas temporalidades, por isso, sua característica é singular e não necessariamente vinculada a outras tradições do período. Esse é um elemento que condicionou que visualizássemos os anais medievais irlandeses como elementos da História. Ao priorizarmos a dimensão temporal em sua tradição historiográfica, sugerimos uma cronologia para o documento que parte das hipóteses já estabelecidas pelo grupo de acadêmicos que estuda o documento.

A cronologia entre 740 e 911 foi definida a partir desta historiografia, em que consideramos a existência de um documento anterior, a *Crônica de Iona*, como preponderante para nossa decisão de iniciar a cronologia do documento em 740. Esta transferência ressoou diretamente em nosso posicionamento em que levamos em conta o impacto político das

invasões Escandinavas em Iona nas décadas seguintes. Tais invasões poderiam ter destruído os manuscritos nos saques do monastério a partir do fim do século VIII, algo que não aconteceu, o que justifica que os manuscritos continuaram a reproduzir informações no interior da Irlanda. Após isso, o documento foi transferido para Armagh e virou a *Crônica da Irlanda*. Isto foi atestado pelos elos da *Crônica da Irlanda* com o grupo Cuana, composto pelos *Anais do Ulster* e o grupo Clonmacnoise, com os *Anais de Tigernach*, *Anais de Clonmacnoise* e *Chronicum Scottorum*. O compartilhamento dos registros entre 740 e 911 entre os quatro documentos, assim, são evidências da existência da *Crônica da Irlanda*. Após 911, indicamos que o documento foi dividido entre os monastérios de Clonmacnoise e Connacht, iniciando a divisão entre os grupos Clonmacnoise e Cuana, respectivamente.

Por fim, destacamos também o *corpus* de manuscritos da *Crônica da Irlanda*. Sem deixar de levar em conta a complexidade do documento, sugerimos uma proposta inicial de tradição manuscrita que se desdobra a partir dos quatro anais já ditos. Mapeamos, assim, os manuscritos que compõem estes documentos e, deste modo, sugerimos uma base de análise para a composição da *Crônica da Irlanda*.

A partir da sequência comum dos registros repetidos nestes documentos, realizamos uma análise quantitativa dos padrões compartilhados. Em consonância, indicamos que a *Crônica da Irlanda* tem uma conexão muito mais profunda com os *Anais do Ulster* e com os *Anais de Clonmacnoise* do que em relação aos outros dois documentos que descendem, a *Chronicum Scottorum* e os *Anais de Tigernach*. O primeiro conjunto de anais, ampla base para a construção da edição crítica de T. M. Charles-Edwards, constituiu as menções do início ao fim, com o maior número. Em relação aos AC, mesmo que carreguem relevantes ausências para os trechos entre 740 e 911, evidenciamos a partir da tradição manuscrita que os trechos foram perdidos posteriormente, já nas refoliações dos manuscritos na modernidade. Neste sentido, não desconsideramos a importância para o período de registro da *Crônica da Irlanda*. Não somente, a existência destes dois grupos de anais sugere que a *Crônica da Irlanda* foi o ancestral comum de todos os manuscritos irlandeses medievais tardios. Assim, temos em mente que a existência da *Crônica da Irlanda* pode ser provada pela conexão destes documentos, notada nos trechos repetidos que majoritariamente se alternam com informações nestes quatro anais.

Em nosso problema de pesquisa inicial, perguntamos sobre as tradições que atestam que a *Crônica da Irlanda* ocupou uma temporalidade bem delimitada (740 – 911) nas formas de escrever e contar o tempo dos anais medievais irlandeses. A conclusão é que suas

condições historiográficas, cronológicas e manuscritas sugerem que a *Crônica da Irlanda* foi central e usada como base de dados para as informações promulgadas por documentos posteriores. Ao considerarmos cronologia proposta pela historiografia para conceber a *Crônica da Irlanda* enquanto hipótese, esta centralidade ganha tons visíveis uma vez que a existência do documento que estudamos é fundamental para que as informações mais antigas sejam consideradas válidas e precisas em temporalidades posteriores. Tais temporalidades, por vezes com diferenças de quase um milênio entre a datação do manuscrito e o evento descrito, precisam se guiar pelas tradições que cruzam a *Crônica da Irlanda*.

Definimos a *Crônica da Irlanda* como um documento que se fundamenta por tradições que se vinculam com o objetivo de construirmos uma fortaleza para que os trechos do período da Irlanda medieval inicial encontrem um aporte mais seguro nas fontes posteriores, mesmo que nenhum manuscrito do período tenha sobrevivido. Os quatro anais posteriores precisam de confiabilidade quanto à precisão das informações passadas quando os acontecimentos são do medievo inicial, uma temporalidade distante de sua origem. Mesmo que a historiografia sugira que a *Crônica da Irlanda* ‘não exista’, seu papel dentro do *locus* historiográfico irlandês não pode ser deslegitimado. Por outro lado, sua existência mostra a necessidade de estabelecer segurança no estudo dos anais da Irlanda medieval. Portanto, a existência da *Crônica da Irlanda* mais que preenche uma lacuna temporal de tradições, mas indica coerência para o ciclo de crônicas irlandesas durante toda a Idade Média.

Notas

¹ Nota: ainda não temos trabalhos com a *Crônica da Irlanda* no Brasil, o que é um motivo que fortalece os nossos objetivos para divulgar essa pesquisa.

² Tradução livre de: “This translation aims to present the evidence for the Chronicle of Ireland —a chronicle which does not itself exist but survives in large part in a range of daughter-chronicles.” CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 1 (grifo nosso).

³ Tradução livre de: “The Chronicle of Ireland is arguably the earliest monastic chronicle in the Latin west and the precursor to later Irish chronicles which, in turn, may have exerted an influence on subsequent chronicles compiled in Carolingian Europe. Yet the first thing to note about the Chronicle of Ireland is that it does not exist. It is a putative text, the existence of which has been posited on the evidence of concurring entries in Irish chronicles that were compiled independently of one another”. FLECHNER, Roy. *The Chronicle of Ireland: then and now*. *Early Medieval Europe*, n. 21, v. 4, 2013. p. 422 (grifo nosso).

⁴ O documento de fato existe, entretanto, é um texto recriado a partir da sequência de anais posteriores, como repetidamente argumentamos. Isso é, também, um exercício de interpretação histórica. Para um referencial teórico sólido em relação ao tema, ver: WHITE, Hayden. A interpretação na História. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 1994. p. 65-96.

⁵ BANNERMANN, John. *Studies in the History of Dalriada*. Edimburgo e Londres: Scottish Academic Press, 1974. p. 149.

⁶ HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (Primeira edição de 1972). p. 119.

⁷ MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 203.

- ⁸ CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 16.
- ⁹ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, jul. 1997. p. 735-762.
- ¹⁰ Tradução livre de: “the singularity of authorship, and the autonomy of the text understood as a work”. JAUSS, Hans Robert. BAHTI, Timothy. The Alterity and Modernity of Medieval literature. *New Literary History*, v. 10, n. 2, 1979. p. 188.
- ¹¹ SANTOS, Dominique. History and Historiography in *Early Christian Ireland: Muirchú's 'Vita Patricii' and Tírechán's 'Collectanea'*. *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, p. 197-227. 2020.
- ¹² CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 44.; MCCARTHY, Daniel P. The Chronology of the Irish Annals. *Proceedings of the Royal Irish Academy*. v. 89C, 1998. p. 207.
- ¹³ Daniel McCarthy prefere não incluir os *Anais de Clonmacnoise* no grupo Clonmacnoise. O autor, inclusive, muda sua nomenclatura na sua obra para ‘Livro de Mageoghagan’, seu autor. Entretanto, esse texto é usado na edição de T. M. Charles-Williams para basear a *Crônica da Irlanda*, então consideramos conveniente sua inclusão no grupo. Ver: MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 203. p. 14.
- ¹⁴ A denominação ‘grupo Cuana’ é originalmente de Daniel McCarthy e refere-se ao chamado *Liber Cuanach*, agora perdido, escrito por Cuana, que ele justifica ter sido uma fonte contemporânea aos registros dos *AU* entre 467 e 628. Ver: MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 203. p. 11.
- ¹⁵ Ó CRÓINÍN, Dáibhi. Early Irish annals from Easter tables: a case restated. *Peritia*, n. 2, 1983, p. 74-86.
- ¹⁶ Tradução livre de: “Senchas was the traditional lore of Irish culture divided at least into three branches: dindschenchas, or topography; legal; and genealogical”. Ver: SANTOS, Dominique. Seanchas - an important Irish tradition related to memory, history and historiography. *Revista Opsi*, v. 18, n. 1, 2018. p. 48.
- ¹⁷ BYRNE, Francis John. Seanchas: the nature of Gaelic historical tradition. In: BARRY, J. G.(Ed.). *Historical Studies* n. 9, Belfast, 1974, p. 137-59.
- ¹⁸ SANTOS, Dominique. History and Historiography in *Early Christian Ireland: Muirchú's 'Vita Patricii' and Tírechán's 'Collectanea'*. *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, 2020. p. 197-227.
- ¹⁹ FLECHNER, Roy. *The Hibernensis*, book 1: a study and edition. Washington: The Catholic University of America Press, 2019.
- ²⁰ Estes aspectos teleológicos se concebem no sentido de que as crônicas irlandesas por vezes começam na ‘criação do mundo’ (como a *Crônica-mundo irlandesa*) e vem até o tempo presente dos documentos.
- ²¹ Tradução livre de: “help us to understand that there is no direct access to historical events or persons, so that all historical writing, whether medieval or modern, approaches the past via discourses of one sort or another.”. SPIEGEL, Gabrielle. *The Past as Text: The Theory and Practice of Medieval Historiography*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1997. p. xvi.
- ²² HARTOG, François. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências de tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. P. 17-42. Para a questão específica do regime de historicidade na Idade Média, ver sua publicação mais recente: HARTOG, François. Le régime chrétien d'historicité: Chronos entre Kairos et Krisis. In: HARTOG, François. *Chronos: L'Occident aux prises avec le Temps*. Paris: Gallimard, 2020.
- ²³ Tradução livre de: “a new past had to be constructed, a past whose elements would serve the needs of a new form of identity.” GEARY, Patrick J. Political Memory and the Restructuring of the Past. In: GEARY, P. J. *Phantoms of remembrance: memory and oblivion at the end of the first millennium*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 136.
- ²⁴ HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (Primeira edição de 1972)
- ²⁵ De acordo com Próspero da Aquitânia, que continuou a crônica de Jerônimo, em 431 Paládio foi mandado ‘a todos os irlandeses que creem em Cristo’, no latim: “Ad Scotos in Christum credentes”. Ver: PROSPERI TIRONIS. *Epitoma Chronicon*. In: MOMMSEN, Thomas. *Monumenta Germaniae Historica: auctores antiquissimi*. Volume IX. Berlim: Apud Weidmannos, 1892. p. 473.
- ²⁶ Partimos do recorte sugerido por Daibhí Ó Cróinín. Ver: Ó CRÓINÍN, Dáibhí (ed.). *A New History of Ireland: Pre-Historic and Early Ireland*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2005. No Brasil, esse recorte é compactuado por Dominique Santos, que constrói sólidas reflexões sobre o fazer historiográfico do período. Ver: SANTOS, Dominique. History and Historiography in *Early Christian Ireland: Muirchú's 'Vita Patricii' and Tírechán's 'Collectanea'*. *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, 2020. p. 197-227.

- ²⁷ BANNERMANN, John. Notes on the Scottish entries in the early Irish annals. *Scottish Gaelic Studies*, n. 11, p. 149-70, 1968.
- ²⁸ BANNERMANN, John. *Studies in the History of Dalriada*. Edimburgo e Londres: Scottish Academic Press, 1974. p. 9-26.
- ²⁹ SMYTH, A. P. The Earliest Irish Annals: their first contemporary entries, and the earliest centres of recording. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, v. 72, 1972. p. 9.
- ³⁰ EVANS, Nicholas. News recording and cultural connections between Early Medieval Ireland and Northern Britain. In: COOIJMANS, Christan (ed.). *Traversing the Inner Seas: Contacts and Continuity in and around Scotland, the Hebrides and the North of Ireland*. Edimburgo: The Scottish Society for Northern Studies, 2017. p. 140-169.
- ³¹ No Brasil, temos algumas profusas discussões sobre o tema, como a de Nathany Belmaia. Ver: BELMAIA, Nathany A. W. Monaquismo(s): romano, insular e a definição da Páscoa no Sínodo de Whitby no século VII. *Brathair: revista do Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 18, n. 1, 2018. p. 125-159. Fora do Brasil, o texto de Richard Abels ainda é bastante basilar. Ver: ABELS, Richard. The Council of Whitby: a study in early Anglo-Saxon politics. *Journal of British Studies*, v. 23, n. 1, 1983. p. 1-25.
- ³² Ó CRÓINÍN, Dáibhi. Early Irish annals from Easter tables: a case restated. *Peritia*, n. 2, 1983, p. 74-86.
- ³³ A principal discussão escrita do período é do monge Beda, que dedica diversos trechos de sua *Ecclesiastica Historia*, lançada em 731, para expor as divergências entre irlandeses e romanos para a datação da Páscoa. Ver: COLGRAVE, Bertram. MYNORS, R. A. B. *Bede's Ecclesiastical History of the English People*. Oxford: Oxford University Press, 1969.
- ³⁴ MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 4.
- ³⁵ A *Crônica Anglo-Saxônica*, produzida em Wessex do século IX, por exemplo, utiliza um calendário que começa no mês de setembro. Por outro lado, os 'Calendários de Janeiro' se repetem em uma datação semelhante na *Crônica dos Escotos*, produzida no reino de Alba (predecessor à Escócia) por volta de 971, o que é mais um elemento que cruza as ilhas. HUDSON, Benjamin. The Scottish Chronicle. *The Scottish Historical Review*, v. 77, n. 204, out. 1998, p. 154.
- ³⁶ KELLEHER, J. V. Early Irish history and pseudo-history. *Studia Hibernica*, v. 3, 1963, p. 126.
- ³⁷ Tradução livre de: "If the annals of that house were continued after 740, as they almost certainly must have been, then that record was destroyed or discontinued when the Iona community fled the island during the Scandinavian invasions." SMYTH, A. P. The Earliest Irish Annals: their first contemporary entries, and the earliest centres of recording. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, v. 72, 1972. p. 48.
- ³⁸ HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- ³⁹ HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 119.
- ⁴⁰ BANNERMANN, John. Notes on the Scottish entries in the early Irish annals. *Scottish Gaelic Studies*, n. 11, 1968. p. 149.
- ⁴¹ CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 2.
- ⁴² CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 7.
- ⁴³ Tradução livre de: "In terms of interpretation, the transfer of the chronicle from Iona to Ireland (c. 740) means that there is no comparable evidence on either side of that date, as the geographical focus of the chronicle alters so dramatically. [...] If a new source became available to the chroniclers, this in itself would indicate contacts between Ireland and northern Britain. Although the number of events recorded in northern Britain after 740 is low – about one event per two years in AU – this still constitutes a substantial record, and with figures ranging from zero to nine per decade, there is scope for identifying significant patterns." In: EVANS, Nicholas. News recording and Cultural Connections between Early Medieval Ireland and Northern Britain. In: COOIJMANS, Christian (ed.). *Traversing the Inner Seas: contacts and continuity in and around Scotland, the Hebrides and the North of Ireland*. Edimburgo: The Scottish Society for Northern Studies, 2017. p. 144-145.
- ⁴⁴ CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. p. 63-349.
- ⁴⁵ Para uma análise mais ampla e detalhada, que inclui também estes anais, consultar: MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 7.
- ⁴⁶ MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 204-205.
- ⁴⁷ O'GRADY, Standish Hayes. *Catalogue of Irish manuscripts in the British Museum*. Vol. 1. Londres: British Museum, 1926.

- ⁴⁸ MILLER, Molly. The chronological structure of the sixth age in the Rawlison fragment of the 'Irish world-chronicle'. *Celtica*, 22, 1991. p. 80.
- ⁴⁹ MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008. p. 221.
- ⁵⁰ HENNESSY, William M. *Chronicum Scottorum: from the Earliest Times to AD. 1135*. Londres: Longmans, Green, Reader e Dyer, 1866. p. xxv.
- ⁵¹ Tradução livre de: “The first (and most accepted) is that the ‘Chronicle of Ireland’ ended in 911 and was continued afterwards in Clonmacnoise. The second, proposed by Gearóid Mac Niocaill, is that there were separate chronicles kept in Armagh and Clonard, rather than a ‘Chronicle of Ireland’”. EVANS, Nicholas. *The Present and Past in the Medieval Irish Chronicles*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2010. p. 67.
- ⁵² MAC NIOCAILL, Gearóid. *The Medieval Irish Annals*. Dublin: Dublin Historical Association, 1975.
- ⁵³ SANDERLIN, Sarah. The manuscripts of the annals of Clonmacnois. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, n. 81, 1982. p. 111-123.
- ⁵⁴ MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008.
- ⁵⁵ SANDERLIN, Sarah. The manuscripts of the annals of Clonmacnois. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, n. 81, 1982. p. 111-123.
- ⁵⁶ DEAN, James. *Catalogue of Manuscripts in the public library of Armagh*. Armagh: W. Tempest, 1928.
- ⁵⁷ SANDERLIN, Sarah. The manuscripts of the annals of Clonmacnois. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, n. 81, 1982. p. 117.
- ⁵⁸ CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018.
- ⁵⁹ SANDERLIN, Sarah. The manuscripts of the annals of Clonmacnois. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, n. 81, 1982. p. 120.

Referências

- ABELS, Richard. The Council of Whitby: a study in early Anglo-Saxon politics. *Journal of British Studies*, v. 23, n. 1, 1983. p. 1-25.
- BANNERMAN, John. Notes on the Scottish entries in the early Irish annals. *Scottish Gaelic Studies*, n. 11, p. 149-70, 1968.
- BANNERMAN, John. *Studies in the History of Dalriada*. Edimburgo e Londres: Scottish Academic Press, 1974.
- BELMAIA, Nathany A. W. Monaquismo(s): romano, insular e a definição da Páscoa no Sínodo de Whitby no século VII. *Brathair: revista do Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 18, n. 1, 2018. p. 125-159.
- BHREATHNACH, Edel. Annals and Genealogies. In: BHREATHNACH, Edel. *Ireland and the Medieval World: AD 400 – 1000*. Dublin: Four Courts Press, 2014. P. 93-95.
- BODLEIAN LIBRARY. Medieval manuscripts in Oxford libraries. *MS. Rawl. B. 486*. Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_8059 >. Acesso em 07 de abril de 2022.
- BODLEIAN LIBRARY. Medieval manuscripts in Oxford libraries. *MS. Rawl. B. 488*. Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_8058 >. Acesso em 07 de abril de 2022.

BODLEIAN LIBRARY. Medieval manuscripts in Oxford libraries. *MS. Rawl. B. 489*. Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_8059 >. Acesso em 07 de abril de 2022.

BODLEIAN LIBRARY. Medieval manuscripts in Oxford libraries. *MS. Rawl. B. 502*. Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_8068 >. Acesso em 07 de abril de 2022.

BYRNE, Francis John. Seanchas: the nature of Gaelic historical tradition. In: BARRY, J. G. (Ed.). *Historical Studies* n. 9, Belfast, 1974, p. 137-59.

CHARLES-EDWARDS, T. M. *The Chronicle of Ireland*. 2ª ed. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. Primeira edição de 2006.

CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. *Annals of Clonmacnoise*. Disponível em: < https://www.vanhamel.nl/codecs/Annals_of_Clonmacnoise >. Acesso em 07 de abril de 2022.

CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. *Annals of Tigernach*. Disponível em: < https://www.vanhamel.nl/codecs/Annals_of_Tigernach >. Acesso em 07 de abril de 2022.

CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. *Annals of Ulster*. Disponível em: < https://www.vanhamel.nl/codecs/Annals_of_Ulster >. Acesso em 07 de abril de 2022.

CODECS: Collaborative Online Database and e-Resources for Celtic Studies. *Chronicum Scottorum: the Chronicle of the Irish*. Disponível em: < https://www.vanhamel.nl/codecs/Chronicon_Scotorum >. Acesso em 07 de abril de 2022.

COLGRAVE, Bertham. MYNORS, R. A. B. *Bede's Ecclesiastical History of the English People*. Oxford: Oxford University Press, 1969.

DEAN, James. *Catalogue of Manuscripts in the public library of Armagh*. Armagh: W. Tempest, 1928.

EVANS, Nicholas. *The Present and Past in the Medieval Irish Chronicles*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2010.

EVANS, Nicholas. News recording and cultural connections between Early Medieval Ireland and Northern Britain. In: COOIJMANS, Christan (ed.). *Traversing the Inner Seas: Contacts and Continuity in and around Scotland, the Hebrides and the North of Ireland*. Edimburgo: The Scottish Society for Northern Studies, 2017. p. 140-169.

FLECHNER, Roy. The Chronicle of Ireland: then and now. *Early Medieval Europe*, n. 21, v. 4, 2013.

FLECHNER, Roy. *The Hibernensis*, book 1: a study and edition. Washington: The Catholic University of America Press, 2019.

GEARY, Patrick J. Political Memory and the Restructuring of the Past. In: GEARY, P. J. *Phantoms of remembrance: memory and oblivion at the end of the first millennium*. Princeton: Princeton University Press, 1994. pp. 134-157.

HARTOG, François. Le régime chrétien d'historicité: Chronos entre Kairos et Krisis. In: HARTOG, François. *Chronos: L'Occident aux prises avec le Temps*. Paris: Gallimard, 2020.

HARTOG, François. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências de tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. P. 17-42.

HENNESSY, William M. *Chronicum Scottorum: from the Earliest Times to AD. 1135*. Londres: Longmans, Green, Reader e Dyer, 1866.

HENNESSY, William. *Chronicum Scottorum*. CELT: Corpus of Electronic Texts. Cork: University College Cork, 2010. Disponível em: < <https://celt.ucc.ie/published/T100016/index.html> >. Acesso em 07 de abril de 2022.

HUDSON, Benjamin. The Scottish Chronicle. *The Scottish Historical Review*, v. 77, n. 204, out. 1998, p. 154.

HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (Primeira edição de 1972)

JAUSS, Hans Robert. BAHTI, Timothy. The Alterity and Modernity of Medieval literature. *New Literary History*, v. 10, n. 2, p. 181-229. 1979.

KELLEHER, J. V. Early Irish history and pseudo-history. *Studia Hibernica*, v. 3, 1963.

MAC NIOCAILL, Gearóid. *The Annals of Tigernach*. CELT: Corpus of Electronic Texts. Cork: University College Cork, 2010. Disponível em: < <https://celt.ucc.ie/published/T100002A.html> >. Transcrição dos manuscritos: BODLEIAN LIBRARY. Ms. Rawlinson B 502, ff. 1-12; BODLEIAN LIBRARY. MS Rawlinson B 488, ff. 1-26. (Transcrição e edição crítica). Acesso em 07 de abril de 2022.

MAC NIOCAILL, Gearóid. *The Annals of Ulster*. CELT: Corpus of Electronic Texts. Cork: University College Cork, 2010. Disponível em: < <https://celt.ucc.ie/published/T100001A/> >. Acesso em 07 de abril de 2022.

MAC NIOCAILL, Gearóid. *The Medieval Irish Annals*. Dublin: Dublin Historical Association, 1975.

MCCARTHY, Daniel. *The Irish Annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Courts Press, 2008.

MCCARTHY, Daniel P. The Chronology of the Irish Annals. *Proceedings of the Royal Irish Academy*. v. 89C, p. 203-255. 1998. MENACHE, S. Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction. *Journal of Medieval History*, 32, 2006, p.333-345.

MOMMSEN, Thomas. *Monumenta Germaniae Historica: auctores antiquissimi*. Volume IX. Berlin: Apud Weidmannos, 1892.

MILLER, Molly. The chronological structure of the sixth age in the Rarlison fragment of the 'Irish world-chronicle'. *Celtica*, 22, p. 79-111. 1991.

Ó CRÓINÍN, Dáibhí (ed.). *A New History of Ireland: Pre-Historic and Early Ireland*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Ó CRÓINÍN, Dáibhí. Early Irish annals from Easter tables: a case restated. *Peritia*, n. 2, 1983, p. 74-86.

O'GRADY, Standish Hayes. *Catalogue of Irish manuscripts in the British Museum*. Vol. 1. Londres: British Museum, 1926.

SANDERLIN, Sarah. The manuscripts of the annals of Clonmacnois. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, n. 81, 1982. p. 111-123.

SANTOS, Dominique. History and Historiography in Early Christian Ireland: Muirchú's 'Vita Patricii' and Tírechán's 'Collectanea'. *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, 2020. p. 197-227.

SANTOS, Dominique. Seanchas - an important Irish tradition related to memory, history and historiography. *Revista Opsiis*, v. 18, n. 1, 2018. p. 48-60.

SMYTH, A. P. The Earliest Irish Annals: their first contemporary entries, and the earliest centres of recording. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, v. 72, p. 1-48. 1972.

SPIEGEL, Gabrielle. *The Past as Text: The Theory and Practice of Medieval Historiography*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1997.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, jul. 1997. p. 735-762.

TRINITY COLLEGE DUBLIN LIBRARY. Digital Collections of the library of Trinity College Dublin. *Annals of Ulster: IE TCD MS 1282*. Disponível em: <<https://digitalcollections.tcd.ie/concern/works/d504rq85r>>. Acesso em 07 de abril de 2022.

WHITE, Hayden. A interpretação na História. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 1994. p. 65-96.

WHITELOCK, Dorothy. TUCKER, Susan E. DOUGLAS, David. *Anglo-Saxon Chronicle: a revised translation*. Londres: Eyre & Spottiswide, 1961.